

---

## **Desafios metodológicos em pesquisas de rádio e mídia sonora: a análise crítica da narrativa em podcasts como abordagem emergente<sup>1</sup>**

Luana VIANA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Com base na revisão bibliográfica, este artigo tem como objetivo sistematizar e retratar reflexões sobre as abordagens metodológicas, evidenciando a perspectiva da narrativa, no âmbito da pesquisa qualitativa relacionada à comunicação radiofônica. Para isso, a mídia sonora é discutida a partir de sua complexidade contemporânea. Como contribuição, apresenta uma proposta de aplicação da análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013) em produções de jornalismo narrativo em podcasts.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; rádio; podcast narrativo; metodologia.

### **Introdução**

Ao lado das teorias, metodologias de pesquisas são fundamentais para a construção e consolidação de áreas do conhecimento. O conjunto teoria-metodologia-problema-objeto, quando bem vinculado, permite a fluidez da pesquisa e, conseqüentemente, uma investigação mais articulada. É com base nisso que Braga (2011) vai definir a “construção de aparato metodológico” como um trabalho sobre a teoria que dialogue com objeto e o problema de pesquisa investigados.

Neste trabalho, nos debruçamos sobre as reflexões que tangem o uso de ferramentas metodológicas nas pesquisas da área da comunicação que têm o rádio e a mídia sonora como principais objetos. Para o percurso que propomos, consideramos o rádio um objeto complexificado que aborda questões como os pontos de vista tecnológicos, sociais, políticos e econômicos, além de ser considerado um meio de comunicação local, regional, nacional e internacional, com distribuição em ondas hertzianas, via satélite, via internet, ou disponibilizado em TV por assinatura, entre outros (KISCHINHEVSKY, 2016).

Com o olhar voltado para essa mídia, Prata (2012) elaborou uma proposta de periodização dos estudos radiofônicos no Brasil a partir de três momentos: 1) As décadas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com estágio doutoral na Universidade do Minho (Portugal), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM/UFOP) e do Núcleo de Estudos de Rádio (PPGCOM/UFRGS). Email: [lviana.s@hotmail.com](mailto:lviana.s@hotmail.com)

1940 e 1950, em que surgem os manuais de redação para rádio; 2) As décadas de 1960, 1970 e 1980, marcadas por livros-depoimento de personagens que fizeram parte da história do rádio no país; e 3) A partir dos anos 1990, com o avanço da produção acadêmica.

É neste último período em que se concentram as discussões que envolvem o uso de metodologias para a mídia sonora. No entanto, esses debates vêm ganhando espaço apenas nos últimos anos: ao passo em que o rádio vem se consolidando como objeto multifacetado, principalmente em decorrência da internet e do processo de convergência, as abordagens metodológicas específicas para essa mídia, ainda que poucas, também têm se ampliado.

Com base informações apresentadas até o momento, o objetivo principal desse artigo é sistematizar e retratar reflexões sobre metodologias no âmbito da pesquisa qualitativa relacionada à comunicação radiofônica, entendida a partir de sua complexidade contemporânea por meio de uma revisão bibliográfica. Dessa forma, o eixo norteador desta investigação consiste, primeiramente, em refletir sobre a importância de abordar conteúdos radiofônicos sob a perspectiva metodológica da narrativa para, na sequência, apresentar uma proposta de aplicação da análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013) em produções de jornalismo narrativo em podcasts.

Além disso, partimos da premissa de que olhar para metodologias ancoradas em objetos comunicacionais fortalece e contribui para consolidação da área. Por fim, este trabalho justifica-se por amparar-se em Braga (2011) ao concordar que o percurso metodológico de uma pesquisa deve sempre ser problematizado.

### **A abordagem metodológica na consolidação da área**

A comunicação não é uma área de estudos dotada de uma sedimentação consensual com referências teórico-metodológicas enraizadas na tradição. Pelo contrário, vai buscar caminhos em outros campos das ciências sociais para o desenvolvimento de pesquisas e reflexões. Nesse sentido, Marialva Barbosa (2002, p. 74) acredita que a extensão enorme de fenômenos associados à palavra comunicação “cria uma dependência de outros saberes, o que foi historicamente um dos maiores entraves à própria autonomização do campo”.

No entanto, a autora defende que apesar de perpassar vários saberes, essa área de estudos possui uma forma de olhar que lhe é peculiar:

A comunicação diz respeito a um ato comunicativo, a uma linguagem, a uma construção, a um sujeito e a uma história, com todas as implicações – culturais e políticas – que estas correlações engendram. Uma linguagem que não é suporte de

---

mera representação do mundo, mas de compreensão de um mundo real e repleto de sujeitos (BARBOSA, 2002, p. 74).

Estudos que envolvem a comunicação exigem perspectivas complexificadas e requerem uma reflexão que vá além da análise mecanicista dos objetos. Portanto, por abrigar uma vasta opção de angulações, temas e conceitos, as abordagens prévias e fechadas tornam-se barreiras que podem limitar uma pesquisa e o olhar do pesquisador.

Barbosa (2002, p. 74) acredita, ainda, que “a especificidade do campo da comunicação é demarcada por um olhar que procura investigar como se constrói a dinâmica dos meios”. Assim, para ela, não são os objetos que definem a comunicação enquanto campo de estudo, mas sim os conceitos e teorias construídos a partir da pesquisa empírica. Essa investigação envolve, então, procedimentos e técnicas específicos que fornecem as chaves metodológicas para a construção deste campo do saber.

Na pesquisa em comunicação, o trabalho metodológico, segundo Braga (2011), deve fazer os pesquisadores refletirem sobre o desafio da pesquisa, estimulando o desenvolvimento de abordagens metodológicas como práticas sobre seus próprios problemas de investigação. Nesse processo, segundo o autor, o desenvolvimento de competências metodológicas contribui para a própria formação do pesquisador, e, na visão de Barbosa (2002), para a consolidação da área.

O caminho metodológico de uma pesquisa, então, vai muito além da busca por ferramentas. Para Braga (2011), corresponde a refletir sobre pontos que estejam a serviço de um problema-eixo, voltado para efetivas descobertas. Segundo o próprio autor, não é preciso que os resultados encontrados se caracterizem como a vanguarda do conhecimento na área, mas é necessário que permitam ao pesquisador uma reflexão mais abrangente que abarque um esforço sistemático para a descoberta.

Braga (2011, p. 2) também relata que a diversidade da área da comunicação reflete diretamente na busca epistemológica que envolve o estudo, já que “diferentes pesquisas solicitam diferentes aproximações, conforme suas perguntas e objeto; e mesmo táticas metodológicas comprovadas e pertinentes devem ser ajustadas a características concretas do objeto e ao desenho específico da investigação”. No entanto, o autor alerta: “mas isso não deve ser pretexto para ‘vale tudo’. Ao contrário, as exigências se ampliam” (BRAGA, 2011, p. 2), assim como a necessidade de se pensar contextualmente para construir caminhos que permitam olhares mais adequados ao estudo e seus objetos.

É nesse sentido, como lembram Kischinhevsky *et al.* (2016, p. 143), que “abordar a radiofonia é tarefa que pode ser assumida a partir das mais diversas portas de entrada.

Igualmente desafiador é tentar estabelecer métodos específicos para lidar com mídia sonora”. Não por acaso, logo nos primeiros anos do rádio, métodos de pesquisa receberam investimentos para que se compreendesse melhor a mídia e seus efeitos na população.

Lopez e Freire (2018) explicam que, com o passar dos anos, houve uma diversificação do olhar sobre o rádio. Os autores relatam que “se antes o que predominava eram os estudos quantitativos de hábitos de escuta, o olhar mais psicológico, sociológico e comportamental – principalmente devido ao campo da recepção – acentuou-se” (LOPEZ E FREIRE, 2018, p. 2).

As perspectivas metodológicas de um estudo devem dialogar diretamente com o fenômeno estudado, permitindo conexão direta com o objeto, além de levar em conta o contexto no qual estão inseridas. Com base nisso, Kischinhevsky *et al.* (2016, p.143) questionam

Ao longo das décadas, a radiofonia tem sido pesquisada com base em aportes teórico-metodológicos de várias tradições, como análise de discurso, análise de conteúdo, estudos de recepção, história oral. Mas em que medida estas abordagens, isoladas, permitem abarcar a complexidade e a riqueza desse rádio expandido, operando numa lógica pós-broadcasting?

Não pretendemos buscar nem apontar respostas para essa pergunta, mas concordamos que o rádio inserido na nova ecologia midiática se caracteriza como um meio expandido, que transborda para outras plataformas além das ondas hertzianas (KISCHINHEVSKY, 2016). Dessa forma, esse meio de comunicação assume um caráter complexificado, já que agora é também multiplataforma e hipermidiático (LOPEZ, 2010), exigindo, então, um olhar mais detalhado sobre suas potencialidades e sobre a forma de estudá-las.

### **A complexidade do objeto radiofônico na contemporaneidade e a busca por abordagens metodológicas**

Pensar em metodologias para os estudos radiofônicos, que são tradicionalmente complexos pela natureza de seus objetos, já era um desafio para os pesquisadores quando o rádio se limitava às ondas hertzianas. Com a internet, e o conseqüente descolamento entre o que se considera a essência do rádio do seu tradicional suporte de transmissão, amplificam-se ainda mais as discussões que rondam o uso de metodologias nas pesquisas.

Em um trabalho, Kischinhevsky *et al.* (2016) investigaram os desafios em termos metodológicos para os estudos em torno da comunicação radiofônica. Para a análise, os autores partiram da compreensão de que o rádio é um meio expandido que está presente em diversas plataformas digitais e que, dessa forma, articula-se com elementos não-sonoros.

---

Guiando-se por essa premissa, os autores dedicaram-se a observar as perspectivas metodológicas dos trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) entre os anos de 2001 e 2015. O *corpus* totalizou 570 artigos publicados nos anais do evento e revelou que em 38,5% dos *papers* apresentados não havia sequer explicitação de perspectivas metodológicas empregadas na coleta de dados (KISCHINHEVSKY *et al.*, 2016). Os autores, então, tiveram que fazer uma pesquisa mais aprofundada olhando detalhadamente e de forma individualizada para cada trabalho com a finalidade de compreender as estratégias metodológicas acionadas pelos pesquisadores.

Em relação às abordagens mapeadas, detectou-se uma prevalência de revisão bibliográfica (396), ensaios teóricos (117) – estes, segundo os autores, muitas vezes não apresentados enquanto tais – e estudos de caso (69)<sup>3</sup>. Ainda na visão dos autores, o rádio é um objeto que reúne diversos elementos e pode ser analisado em diversas esferas, como produção, transmissão, distribuição, veiculação, enunciação, linguagens, interação, recepção, consumo, entre outros, e cada uma destas perspectivas traz consigo um arcabouço teórico-metodológico específico. Em outra oportunidade, Kischinhevsky (2016, p. 282) reforça: “neste contexto de múltiplas portas de entrada para o objeto, como abordá-lo? Não há resposta simples para esta questão”.

O autor lembra ainda que, neste contexto expandido, a comunicação radiofônica é predominantemente sonora, mas não se limita aí. Os elementos de pesquisa que envolvem a radiofonia também estão presente “na escuta em redes sociais on-line, no compartilhamento de arquivos, nas curtidas que estes áudios obtêm dos ouvintes, dos comentários que os acompanham, nos memes a eles associados, nos textos de apoio disponíveis em sites onde são postados” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 280).

Então, com base no caráter multifacetado que o rádio assume, para minimizar as lacunas na pesquisa, advoga-se o emprego de abordagens multimétodos para dar conta deste objeto (KISCHINHEVSKY, 2016; KISCHINHEVSKY *et al.*, 2016). Por em diálogo tradições distintas, sem abrir mão da coerência, para dar conta de objetos cada vez mais complexos é uma estratégia de combinação de métodos que pode e deve ser feita na visão de Kischinhevsky (2016, p. 292), “mas temos a obrigação de explicitá-los e discuti-los publicamente, submetendo-os ao escrutínio de nossos pares. Caso contrário, corremos o risco

---

<sup>3</sup> Em alguns trabalhos há o uso combinado de ferramentas metodológicas, como revisão bibliográfica e estudo de caso, por exemplo, o que faz com que a soma dos números apresentados seja superior ao número de artigos investigados.

de não avançar na construção coletiva do conhecimento em nossa área e de perder o fio da meada epistêmica [...]”.

Entretanto, mesmo se deixarmos o caráter multimídia e multiplataforma às margens das pesquisas, encontra-se um grande desafio na análise do conteúdo exclusivamente sonoro, ocasionado, em partes, pela ausência de ferramentas adequadas de análise. Meditsch e Betti (2019, p. 2) revelam que “mesmo no estudo específico do radiojornalismo, a maior parte dos trabalhos dedicados à análise de conteúdo ou de discurso tem desconsiderado a sonoridade do material analisado”.

Para a Lope e Freire (2018), dentre as dificuldades encontradas na investigação do som está o tempo necessário para analisar detalhadamente uma peça sonora. No mesmo sentido, Kischinhevsky (2016, p. 286) afirma que

[...] todo pesquisador que já investiu tempo na gravação e análise de horas de programação conhece de perto as dificuldades na transcrição de conteúdo sonoro, considerando toda a riqueza plástica (vinhetas, efeitos, música de fundo, sonoras de entrevistados, spots publicitários, inserções gravadas de ouvintes e/ou personalidades da música, toda uma constelação de metadiscurso) da comunicação radiofônica.

Meditsch e Betti (2019) deixam clara a preocupação que têm com os estudos que envolvem o sonoro, pois acreditam que, embora se reconheçam as especificidades que caracterizam o rádio e sua linguagem, principalmente nas pesquisas em jornalismo, a sonoridade vem ficando em segundo plano. Eles afirmam que “há mesmo autores que argumentam que analisar o som seria impossível, por se tratar de matéria escorregadia e invisível, ou por estar ligada ao emocional, não sendo redutível a metodologias racionais” (MEDITISCH E BETTI, 2019, p. 2).

A dificuldade de se analisar conteúdos sonoros tem reflexo, de certa maneira, na perspectiva histórica do objeto. Em suas pesquisas, Schafer (2011) aponta as dificuldades encontradas ao fazer inferências sobre as mudanças ocorridas nas paisagens sonoras<sup>4</sup>. Segundo o autor,

podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em quantos decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período comparável (SCHAFER, 2011, p. 24).

---

<sup>4</sup> Segundo Schafer (2011, p. 23), “a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como um campo de estudo”.

Aos olhos de Balsebre (2005), a informação sonora pode ser delimitada teoricamente como um sistema semiótico complexo, que envolve a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio na composição da mensagem radiofônica. Com base nisso, Meditsch e Betti (2019, p. 3) acreditam que o funcionamento desse sistema obedece a uma série de convenções que o tornam manejável e defendem que “se é um sistema conscientemente manejável, certamente também o é analisável, mas disso depende um tipo de observação raramente considerado nas metodologias utilizadas para o estudo da informação em outros suportes”.

A observação sobre a qual os autores se referem é de uma “escuta que pensa”, ou seja, uma escuta que além de ouvir e de entender tem a função de compreender, buscando sentidos nas mensagens. Meditsch e Betti (2019), então, defendem que os pesquisadores de mídia sonora devem assumir o papel de auditores para que seja possível uma compreensão mais adequada da informação sonora e de seus elementos que influenciam na compreensão e persuasão da audiência.

A perspectiva de uma auditoria, enquanto escuta que pensa o som e o analisa em seus vários elementos, combinação e complexidade, não se propõe a ser método, mas sim técnica de observação da informação sonora que pode ser agregada a diferentes métodos escolhidos para cada investigação, a partir de seu problema de pesquisa e objetivos (MEDITSCH E BETTI, 2019, p. 12).

Os autores alertam que auditoria não propõe um único caminho de análise a ser seguido, “mas o desbravamento de múltiplos caminhos que levem melhor em consideração seus elementos sonoros, para responder de forma mais adequada diferentes perguntas de pesquisa” (MEDITSCH E BETTI, 2019, p. 12). Enquanto a área segue com essa lacuna de métodos específicos voltados para a análise sonora, as propostas de construções metodológicas têm permeado outras facetas da radiofonia, como a narrativa.

### **A narrativa como perspectiva metodológica para os estudos sonoros**

Se por um lado os estudos que envolvem as mídias sonoras estão frequentemente ancorados em metodologias tradicionais, por outro, desenvolver articulações mais complexificadas pode revelar facetas do rádio que ainda são pouco estudadas justamente pela preferência por métodos convencionais de grande parte dos pesquisadores da área, como vimos com Kischinhevsky *et al.* (2016). Então, partimos aqui do pressuposto de que estudar narrativas a partir de abordagens não convencionais para o campo abre a possibilidade de novos olhares, ainda que incipientes.



Para Quadros (2018, p. 317), “a grande questão quando nos voltamos às narrativas do rádio reside em ‘como’ estudá-las. Isso porque as bases teóricas que fundamentam as reflexões sobre narrativas vêm de uma tradição impressa”. A autora, então, defende que olhar sob essa perspectiva para o rádio, uma mídia originalmente sonora, exige uma virada epistemológica e uma adaptação metodológica.

O primeiro passo seria considerar a narrativa para além de gênero ou formato textual, mas também como um processo de ordenamento e atribuição de sentido às experiências humanas. É com base nisso que Quadros (2016) vai buscar na Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013) uma ferramenta metodológica para analisar o conteúdo radiofônico.

Sob a abordagem da pragmática e da hermenêutica – nas quais se ampara tal metodologia – a investigação das narrativas se desloca dos enunciados para a enunciação. Assim, Quadros (2016, p. 14) aponta algumas questões voltadas à radiofonia que podem ser analisadas a partir desta perspectiva:

Que valores, normas ou padrões as narrativas radiofônicas nos ensinam? De que maneira, que estratégias narrativas empregam? Que conflitos escondem ou revelam? A que atores sociais dão voz? E quais silenciam? Que sentidos encontram-se implícitos nos relatos jornalísticos radiofônicos, aparentemente tão objetivos e efêmeros? O que nos dizem sobre nossa realidade, nossa sociedade, o local em que vivemos?

Para uma investigação crítica, Motta (2013) sugere o desmembramento da narrativa em três camadas iniciais: 1) O plano da expressão; 2) O plano da estória; e 3) o plano da metanarrativa. Entretanto, o autor tem como objeto original de análise as narrativas impressas. Então, Quadros (2016) toma como referência os planos sugeridos por Motta, mas adapta de acordo com fatores da narrativa radiofônica que devem ser levados em conta na análise sonora. Assim, a proposta da autora é uma “análise crítica da narrativa aplicada ao radiojornalismo”.

O plano da expressão, segundo Motta (2013), refere-se ao plano da linguagem, da superfície do texto, através do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador, com formas expressivas de acordo com as intenções comunicativas e os efeitos pretendidos. Na abordagem de Quadros (2016), no radiojornalismo, esse plano pode ser analisado sob duas perspectivas: o texto em si e os efeitos de locução e som empregados.

Para a autora, estudar a linguagem radiofônica requer uma atenção diferenciada da exigida pelo impresso, já que a mídia é caracterizada principalmente por sua efemeridade. Os efeitos sonoros, por exemplo, além de comporem o plano da expressão, também se inscrevem no plano da estória, pois contribuem para a tessitura da narrativa (QUADROS, 2016).



---

Para Motta (2013, p. 137), o plano da estória é o do conteúdo e da intriga, ou seja, é onde o conjunto dos fatos de uma estória se organiza e onde os sentidos são construídos. Refere-se ao “plano da diegese, universo da significação, representação, universo dos significados imaginados ou mundos imaginários possíveis”. Quadros e Amaral (2017) acreditam que neste plano da estória cabem, ainda, os procedimentos de apuração que, no rádio ao vivo, fazem parte da narrativa por sua possibilidade de emissão continuada. “Em função dessa característica, a narratividade do rádio se estenderia para além da notícia, o que implica tanto para a construção do texto radiofônico (plano da expressão), quanto para o desenrolar da história narrada” (QUADROS E AMARAL, 2017, p. 92).

Sobre o plano da metanarrativa, Motta (2013) refere-se a ele como sendo o tema de fundo, onde há questões éticas e morais sendo discutidas. Quadros (2016) recorre à Balsebre (2005) para apresentar elementos que podem estar contidos na construção da “moral da história”, presente nesse terceiro plano. “Enfatizando o caráter expressivo do meio, Balsebre afirma que ao recriar a realidade ‘natural’ valendo-se da possibilidade de manipulação técnica de recursos sonoros, o rádio cria uma nova realidade, a radiofônica” (QUADROS, 2016, p.12). Nesse sentido, a autora acredita que ao articular elementos sonoros, o rádio provocaria uma representação sonora da realidade, que se transforma em representação visual ao ser recebida pelo ouvinte, e é por meio dela que o plano da metanarrativa pode ser analisado amparado nas características do rádio.

De maneira geral, a adaptação da análise crítica da narrativa para o conteúdo radiofônico reforça a importância da busca por outras maneiras de se olhar objetos da área da comunicação. Por exemplo, para Quadros (2018, p. 329), esse método “mostrou-se um lugar e uma ferramenta de observação propícia para descortinarmos as relações de poder implícitas ao processo de narração do rádio”, uma perspectiva ainda pouco explorada.

Destacamos, no entanto, que para ser aplicada aos podcasts, algumas adaptações são necessárias, já que esta mídia, mesmo sendo considerada modalidade radiofônica, apresenta atributos particulares. Para exemplificar sua aplicação e suas variações, recorreremos a um formato que possui tempo maior de produção e que não tem seu tempo de duração limitado pela linha editorial de emissoras: o jornalismo narrativo em podcasting (VIANA, 2021).

### **Análise Crítica no jornalismo narrativo em podcasting – nossa abordagem**

A abordagem metodológica proposta a seguir será baseada na Análise Crítica da Narrativa, de Motta (2013), e apresenta-se como uma expansão da proposta da Análise Crítica da Narrativa Aplicada ao Radiojornalismo, de Quadros (2018). Também será elaborada a

partir dos três planos – da Expressão, da Estória e da Metanarrativa – com exemplo de aplicação em trechos do O Caso Evandro, quarta temporada do podcast Projeto Humanos.

A título de exemplo da aplicação, parte-se das seguintes características destacadas no jornalismo narrativo em podcasts que vão guiar a abordagem proposta: 1) a construção de uma narrativa potencialmente imersiva; 2) a emergência do narrador; 3) uso de ganchos que remetem à dramaturgia; e 4) uma apuração exaustiva.

O problema de pesquisa que ampara a investigação-exemplo se resume na seguinte questão: Quais estratégias utilizadas pelo narrador intensificam a potencial experiência imersiva do ouvinte? E o objetivo principal é compreender o lugar do narrador no jornalismo narrativo em podcasting.

O quadro a seguir apresenta uma proposta de operadores, a partir de categorias narrativas, que podem ser aprofundados. Entretanto, ressalta-se que os operadores de análise precisam estar ancorados nos apontamentos teóricos do trabalho científico. Por isso, os elementos apresentados a seguir referem-se a uma sugestão que pode – e deve – variar a partir dos objetivos e problemas de pesquisa que o estudo vai apresentar.

Quadro 1 – Proposta de operadores a serem investigados e expandidos

<b>Planos</b>	<b>Categorias de análise</b>	<b>Operadores de análise</b>
<b>Expressão</b>	Enredo dramático	Conflito
	Linguagem radiofônica	Palavra
		Silêncio
		Música
		Efeitos sonoros
<b>Estória</b>	Personagem	Jornalismo
		Jornalista
		Fontes
	Característica do podcast	(Des)intermediação
		Informalidade
		Inovação
		Intimidade
<b>Metanarrativa</b>	Tema de fundo	Questões éticas e morais

Fonte: elaboração própria

---

O Plano da Expressão pode ser pensando como sendo a forma com que a narrativa se apresenta, refere-se, portanto, ao plano da linguagem. Assim, observa-se como o projeto dramático organiza a narrativa a partir de seu elemento principal, o conflito (ARISTÓTELES, 2017). Nesta parte também é observado como os quatro elementos da linguagem radiofônica estão presentes na trama e como se articulam em momentos-chave da história.

Para Balsebre (2005), os efeitos sonoros podem ter quatro funções conotativas: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental. Ao longo da temporada sobre o caso Evandro, esta última é a que aparece com mais frequência. No episódio nº 3, o efeito inserido refere-se ao barulho de chuva, que atua como ambiental. Essa função representa a divisão de ambientes, a passagem de tempo, entre outros. Neste caso, representa ambas as circunstâncias, já que, junto ao efeito, o narrador explica que o que o ouvinte escuta naquele momento trata-se de um trecho de entrevista que foi gravado quase 25 anos após o desaparecimento de Evandro em uma viagem que realizou a Guaratuba. O efeito aqui também contribui para uma experiência imersiva, já que é usado durante o relato de uma experiência pessoal, propondo que o ouvinte sinta-se parte do momento descrito e que tenha uma experiência parecida com a do narrador.

O Plano da Estória, por sua vez, é onde o conjunto dos fatos se organiza e onde os sentidos são construídos. Em nossa proposta, o foco nesse momento recai sobre as personagens e suas relações, sempre levando em conta os aspectos sonoros da narrativa. Podem ser observados elementos da narrativa sonora que caracterizam essas personagens, por exemplo, o próprio jornalista, o jornalismo e as fontes. As funções que essas figuras desempenham na história também podem ser sistematizadas. Ainda neste plano, há a possibilidade de se observar a presença das quatro<sup>5</sup> principais características do podcasting apontadas por Berry (2019) – intimidade, informalidade, (des)intermediação e inovação – e como elas atravessam a narrativa.

A informalidade pode ser caracterizada de diversas formas. No entanto, destacamos duas: a fala direta com o ouvinte, tratando-o por você, e a realização de perguntas, também direcionadas ao ouvinte. Ambas podem ser encontradas em:

E se você duvida de mim, repita comigo o exercício de se colocar no lugar de um jurado e pense: No que é mais difícil acreditar? Que existe uma espécie de complô (...) envolvendo o Grupo Águia da Polícia Militar, a juíza de Guaratuba e os médicos que os examinaram? Ou que elas estão mentindo para se safar? (ep 14 -52'39").

---

<sup>5</sup> Não incluímos aqui a quinta característica, que é a independência, pois trata-se de um elemento autoexplicativo no âmbito dos podcasts.

---

O uso do imperativo se destaca nesse trecho, o que realça a interlocução direta com o ouvinte. Para prender a atenção de quem escuta o primeiro episódio – logo, para angariar a audiência para toda a temporada – há ainda outra estratégia, a de solicitar que se lembre de algo e que se imagine uma situação. Aqui, três aspectos contribuem para o envolvimento do ouvinte: a intimidade e a informalidade que a fala direta proporciona; e o incentivo à imaginação, importante em narrativas exclusivamente sonoras.

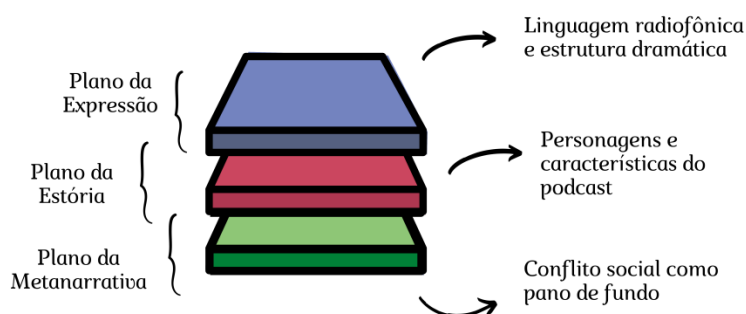
Por fim, no Plano da Metanarrativa, investigam-se trechos no podcast que remetem a reflexões que vão além do acontecimento principal da trama para compreender o tema de fundo, onde há questões éticas e morais sendo discutidas. Os conflitos são peças fundamentais para a dramaturgia e quando extrapolam o plano da narrativa e configuram-se como conflitos sociais, as situações narradas passam a exigir reflexões que, por serem parte de uma produção jornalística, têm como objetivo a construção de uma consciência mais crítica sobre os diversos fatos de interesse coletivo. Mizanzuk começa a estimular esse pensamento crítico ao final do trecho a seguir:

Esse caso é uma vergonha. Eu estou longe de achar que a família Abagge foi uma santa durante todo esse processo, assim como outros personagens aqui citados. (...) Mas essas fitas mudaram tudo pra mim. Se antes eu tinha alguma dúvida que eles podiam ser inocentes, todas elas se foram. Essas pessoas foram torturadas e perderam anos de suas vidas. Vicente de Paula morreu na prisão, isso não tem retorno. Não há indenização do Estado que pague por uma vida que se foi de forma injusta (ep 25 - 2h14'08").

O tema tortura passa a ser constantemente mencionado por Mizanzuk, que realiza reflexões e apelos éticos sobre a imoralidade do ato de torturar. Isso passa então, de um conflito menor – não na gravidade, mas no espaço que ocupava na narrativa, já que se tratava de um caso local –, para um conflito maior, social. Como o fim do trecho ilustra, a partir de reflexões específicas sobre o caso Evandro, o narrador passa a realizar reflexões de cunho mais geral, por exemplo, sobre como o Estado Brasileiro lida com algumas questões jurídicas.

A partir dos três planos, temos a seguinte representação de como a Análise Crítica da Narrativa será aplicada ao jornalismo narrativo em podcasting:

Figura 1 - Análise Crítica da Narrativa aplicada ao jornalismo narrativo em podcasting



Fonte: elaboração própria

No Plano da Expressão, temos a forma como o jornalismo narrativo em podcasting se apresenta, ou seja, é a camada externa, aquela que se percebe mais facilmente; no Plano da Estória estão os eixos a partir dos quais o enredo se desenvolve; e no Plano da Metanarrativa, as questões éticas e morais que partem do conflito principal da trama, é o pano de fundo.

Após todos os apontamentos realizados sobre a narrativa como abordagem teórico-metodológica direcionada para os estudos de rádio, voltamos para o eixo norteador deste artigo, que propõe refletir sobre a importância de abordar narrativas radiofônicas e de mídia sonora sob uma perspectiva metodológica. A partir disso, acreditamos que ir além do enfoque da técnica e da prática radiofônica, olhando para os sujeitos das narrativas e para o que elas podem nos revelar, contribui para a constituição desta área do conhecimento.

Considerando a complexidade do objeto radiofônico, como vimos, olhar para além do ponto de vista estrutural estimula uma reflexão sobre o caráter simbólico da mensagem radiofônica. A abordagem desta pesquisa se baseia nesses fundamentos, diferenciando dois principais tipos de produções e, conseqüentemente de aplicação da análise crítica da narrativa: as produções factuais, rotineiras, que abrem mais espaço à contribuição dos ouvintes para transmitir informação – proposta por Quadros (2018); e os produtos que possuem mais tempo de produção, o que permite o planejamento minucioso de suas narrativas e que, por sua vez, aciona diversas estratégias para o envolvimento deste mesmo ouvinte na trama narrada.

### Considerações finais

Os argumentos apresentados aqui, a respeito das abordagens metodológicas em estudos radiofônicos, retratam a busca por ferramentas que dialoguem diretamente com o objeto estudado. Complementar a isso, as reflexões apontam para o uso da narrativa como

arcabouço metodológico promissor, proporcionando uma investigação para além das estruturas convencionais.

Dessa forma, insistimos que ao utilizar as narrativas como abordagem metodológica para as análises, além da coerência entre elas e os objetos observados, é fundamental acioná-las em diálogo com os embasamentos teóricos. Nesse sentido, lembramos que Braga (2011) defende que ao se trabalhar com determinada teoria, assume-se como horizonte de reflexão a ordem de questionamento diante da qual se constroem as perguntas específicas de investigação.

No âmbito específico da narrativa, devido ao maior tempo de produção das histórias retratadas, os produtos de jornalismo narrativo em podcasts apresentam seu conteúdo diferente dos preceitos do rádio *hard news*, que preza pelo lead e pela imediaticidade. Além disso, as produções podem ser mais aprofundadas e assumir um tempo de duração maior, já que são disponibilizadas nas plataformas digitais e não estão vinculadas ao dial.

Neste trabalho, não negamos que o uso de ferramentas tradicionais seja eficaz, pelo contrário, partilhamos das ideias de Kischinhevsky *et al.* (2016) ao defenderem uma abordagem multimétodo como um caminho a seguir. Entretanto, acreditamos que com tantas variedades de ferramentas disponíveis para análises, é importante optar por metodologias amparadas nos caminhos teóricos trilhados pela pesquisa, como advoga Braga (2011). Dessa forma, estudos sobre as narrativas radiofônicas podem conciliar tanto o arcabouço teórico quanto o metodológico, respeitando sempre as demandas específicas dos objetos e os problemas de pesquisa.

Com base nisso, esclarecemos que neste trabalho não pretendíamos buscar respostas, mas sim alternativas que podem nos apresentar perspectivas interessantes, pois acreditamos que os desafios estão longe de serem superados. Por fim, concordamos com Kischinhevsky *et al.* (2016) quando defendem que privilegiar o desenvolvimento de ferramentas metodológicas próprias, ou, ainda, adaptar as já existentes levando em conta as particularidades do objeto sonoro, é fato determinante para a consolidação em andamento das pesquisas de rádio e mídia sonora no Brasil e na América Latina como um todo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARBOSA, Marialva. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio (Orgs.). **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002. p. 73-79.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos** – Vol I. Florianópolis: Insular, 2005.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós**, Brasília, v14, n1, jan.-abr. 2011.

BERRY, Richard. **Mapping podcasts**. Radio & Podcast Academic, Sunderland (UK), 28 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://richardberry.eu/mapping-podcasts/>. Acesso 16 ago. 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, José Luis; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; CAMPOS, Luiza Borges; RIBEIRO, Cintia, VICTOR, Renata. Estudos radiofônicos no século XXI – Perspectivas metodológicas dos trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 2001 e 2015. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ; Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Orgs.). **Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo. **Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos**. Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville, Set. 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: LabcomBooks, 2010.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. **Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos**. Anais 16º SBPJur. Goiânia, nov. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Unb. 2013.

SCHAFER, Murray. **A Afinação do mundo**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom-20 anos. **Rádio-Leituras**, v. 2, 2012.

QUADROS, Mirian Redin; AMARAL, Márcia Franz. Análise Crítica da Narrativa aplicada ao radiojornalismo: uma proposta de adaptação metodológica. **Tríade: Revista De Comunicação, Cultura E Mídia**, 5(9), 2017.

QUADROS, Mirian Redin. Análise de narrativas jornalísticas radiofônicas: reflexões sobre os desafios metodológicos da pesquisa em rádio. In: MAIA, Marta R., MARTINEZ, Monica (orgs). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p. 434-454.

QUADROS, Mirian Redin. **A narrativa como perspectiva teórico e metodológica para o estudo do jornalismo radiofônico**. Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, Set. 2016.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos**. Comunicação Pública, v. 16, p. 1-19, 2021.